

Milei anuncia choque na economia da Argentina



O novo presidente da Argentina, Javier Milei, diante de multidão de apoiadores em frente à Casa Rosada, em Buenos Aires. Reprodução: @casarosadaargentina no Instagram

Milei promete 'nova era' e 'choque' na economia em discurso de posse

Em tom apoteótico, ultraliberal comparou vitória contra o peronismo à queda do muro de Berlim

Daniela Arcanjo
Júlia Barbon

SÃO PAULO E BUENOS AIRES Após receber a faixa presidencial, o novo líder da Argentina, Javier Milei, dirigiu-se a milhares de apoiadores em frente ao Congresso para fazer seu primeiro discurso no comando da nação. Em tom apoteótico, disse que este domingo (10) inaugura uma nova era no país e comparou sua eleição à queda do muro de Berlim.

"Os argentinos expressaram uma vontade de mudança que já não tem retorno", afirmou, em uma fala repleta de interrupções por aplausos da multidão de apoiadores, que agitavam bandeiras do país.

"Hoje começa uma nova era na Argentina. Hoje declaramos o fim de uma longa e triste história de decadência e começamos o caminho da reconstrução de nosso país."

Após fazer um breve apêndice histórico, Milei criticou as escolhas econômicas das últimas décadas, em um ataque ao que chamou durante a campanha de casta política. Apesar da manutenção da retórica agressiva, Milei já incorporou ao seu governo parte das figuras que foram seu alvo nos últimos anos. Dentro do Congresso, logo após receber a faixa presidencial e apertar a mão do agora ex-líder da Argentina, Alberto Fernández, essa vice, Cristina Kirchner, o ultraliberal se inclinou para abraçar o ex-presidente Mauricio Macri, que o apoiou no segundo turno.

"Durante mais de 100 anos, os políticos insistiram em defender um modelo que só gera pobreza, estagnação e miséria", disse Milei. Assim como a queda do muro de Berlim marcou o fim de uma época trágica para o mundo, essas eleições marcam um ponto de ruptura na nossa história.

Em seguida, o presidente discorreu sobre suas controversas propostas na área da economia — temensível para o país em crise — em tom de justificativa. "Nenhum governo recebeu uma herança pior que a que nós estamos recebendo", afirmou, antes de dizer que a inflação no país poderia chegar a 15.000% por ano. Hoje, o índice acumulado em 12 meses é 142,7%, na história, nunca passou de 3,100%.

"Não existe solução viável e que evite o ataque ao déficit



Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, abraça Javier Milei durante cerimônia de posse do argentino. Agência Reuters/Reuters



O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelenski, também participou dos ritos do ultraliberal. Agência Reuters/Reuters

“Hoje começa uma nova era na Argentina. Hoje declaramos o fim de uma longa e triste história de decadência e começamos o caminho da reconstrução de nosso país”

Não há alternativa ao ajuste e ao choque. Isso impactará de modo negativo o nível de atividade, emprego, salário real e quantidade de pobres

A Argentina se transforma em um banho de sangue. Os criminosos ficam em liberdade enquanto os argentinos de bem ficam presos atrás das grades

fiscal", disse, prometendo poupar o setor privado e sacrificar a máquina pública em um plano que ficou conhecido como "mosserra". "Lamentavelmente, tenho que dizer a vocês que não há dinheiro", afirmou, recorrendo à sua nova frase de efeito que estampava camisetas vendidas por ambulantes: "Berlino, a conclusão é que não há alternativa ao ajuste e ao choque. Isso impactará de modo negativo o nível de atividade, emprego, salário real e quantidade de pobres".

A impopularidade de suas próximas medidas foi lembrada com insistência por Milei em seu discurso. Ele disse não desejar as "duras decisões" que vai tomar, mas afirmou que, posteriormente, o esforço gerará "frutos".

"Haverá luz no fim do túnel. No caso alternativo, a sentimental proposta populista, cuja única fonte de financiamento é a emissão de dinheiro, causaria uma hiperinflação que levaria o país à pior crise de sua história, além de nos colocar em uma espiral de decadência que nos aproximaria à Venezuela de Chávez e Maduro", disse Milei, para quem a "única forma de sair da pobreza é com mais liberdade".

Antes de finalizar o discurso, o ultraliberal passou por temas como a educação — em deterioração, segundo ele —, a saúde — colapsada, no seu ponto de vista — e a segurança. "A Argentina se transforma em um banho de sangue. Os criminosos ficam em liberdade enquanto os argentinos de bem ficam presos atrás das grades", disse, em aceno a

entusiastas da implementação de uma política linha-dura. Em meio a temores de que seu governo possa significar um retrocesso à democracia no país, que faz 40 anos em 2023, Milei disse que não vai perseguir a classe política. "Não pedimos alinhamento cego, mas não toleraremos que a hipocrisia, a desonestidade ou a ambição pelo poder interfiram na mudança que nós escolhemos", afirmou.

O anarcocapitalista encerrou o seu discurso gritando "viva a liberdade, carajo", pulando sobre os ombros de seus seguidores — frase que ele usou para assinar os livros de honrarias do Congresso, minutos antes de receber a faixa e o bastão da Presidência no rito da posse.

Após ser ovacionado por seus seguidores, Milei voltou ao Congresso e cumprimentou os convidados para a posse — entre eles o ex-presidente Jair Bolsonaro e o chanceler Mauro Vieira.

O envio do ministro das Relações Exteriores pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva é consequência da tensão com o líder argentino, que chamou o petista de corrupto durante a campanha, e interrompe uma tradição brasileira de 40 anos de enviar o presidente ou o vice nas cerimônias de posse no país vizinho.

Mais tarde, Milei decidiu aparecer na sacada da Casa Rosada com a faixa de presidente no peito e o bastão em mãos. "Não há noite que não seja rodeada pela vida", afirmou, antes de afirmar que havia decretado "o fim da noite populista e o renascer de uma Argentina próspera e liberal".

Clima de polarização e de ódio respinga em cerimônia

O clima de polarização que domina a Argentina há décadas deu as caras novamente na posse de Javier Milei, com frases de ódio e xingamentos de seus apoiadores à esquerda até um dedo do meio mostrado por Cristina Kirchner.

Foram episódios isolados, no entanto. A cerimônia ocorreu com tranquilidade, salvo alguns bate-bocas e empurrões pela quantidade de gente que lotou os entornos do Congresso Nacional.

"Em relação à classe política argentina, quero dizer que não viemos perseguir ninguém. Não viemos acertar antigas contas nem discutir espaços de poder", afirmou o presidente em seu discurso.

Apoiadores puxaram mais de uma vez gritos de "filho da puta", mesmo que a maioria não soubesse a quem a multidão se referia. A reportagem presenciou ainda um grupo xingando ao passar por cartazes de Sergio Massa, que perdeu as eleições para Milei.

Pela manhã, Cristina Kirchner roubou os holofotes ao mostrar o dedo do meio após ouvir insultos de eleitores ao entrar no Senado argentino.

Após o gesto polêmico, ela abriu a sessão da Casa que deu posse a Milei e protagonizou um momento descontraído ao lado do rival, pedindo para ver qual símbolo ele havia mandado gravar no bastão presidencial — os rostos e nomes de seus cinco cachorros.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 9